

## JORNALISMO CIENTÍFICO

# QUEM FALA QUANDO FALAMOS DE EDUCAÇÃO NA IMPRENSA?

Leticia Larieira

Em tempos de discussões polarizadas e redes sociais, um assunto tem ganhado mais espaço no *feed* e manchetes: a educação. Parte da vida de todos, esse tema tornou-se um terreno de disputa entre diversos setores da sociedade, alcançando o jornalismo como pauta recorrente em muitos veículos de comunicação. Ratier (2015) destaca que esse interesse da sociedade sobre o assunto se intensificou desde 2013, decorrente das manifestações daquele ano. Mais recentemente, observamos no Brasil outras discussões educacionais ganharem espaço na imprensa, como o *homeschooling*, as escolas cívico-militares, a violência escolar, o Novo Ensino Médio, o uso do Chat GPT na escola, entre outros.

Em tema tão sensíveis, e com tantas opiniões, é urgente trazer confiança e credibilidade às informações transmitidas à sociedade. Garantir fontes jornalísticas confiáveis e especialistas é fundamental para o andamento do bom jornalismo, e isso precisa ser aplicado a todas as áreas, inclusive o jornalismo de educação. Faz sentido ter alguém que não entende de economia comentando a bolsa de valores

em um jornal econômico? Como seria visto se uma pessoa leiga em medicina comentasse uma reportagem sobre os avanços no tratamento de câncer, por exemplo? Apesar da autoridade no assunto ser levada em consideração na maioria dos temas da cobertura jornalística, muitas vezes não é o caso da cobertura de educação. Critérios como a autoridade da fonte no assunto e seu conhecimento do tema, fundamentais para a boa seleção de entrevistados, frequentemente não são levados em consideração.

Dando um passo atrás, esse cenário é consequência também da própria fragilidade do jornalismo de educação, que virou uma editoria autônoma mais tardiamente que editorias “mais clássicas”, como a política e a economia. Ainda segundo Ratier (2015), há também uma questão em relação ao perfil do jornalista de educação, que geralmente é iniciante na carreira e cobre outros assuntos diversos além da pauta educacional. Por fim, esse contexto se torna ainda mais crítico com a percepção da sociedade de que qualquer pessoa entende de educação, já que todo indivíduo viveu a experiência de ser aluno, gerando grandes dificuldades para o jornalista exercer seu dever (Pons, 2014).

Todas essas dificuldades se refletem na baixíssima produção acadêmica sobre o jornalismo de educação e análise da sua cobertura. Apesar dessa escassez, as poucas produções encontradas apontam para um mesmo problema: os pesquisadores e especialistas no tema, e toda a comunidade escolar, são pouco entrevistados pela imprensa. Em uma das primeiras reportagens sobre educação a “furar a bolha” no mundo, eleita a história da década pela imprensa americana, a cobertura jornalística sobre o massacre em Columbine entrevistou principalmente lideranças políticas e religiosas, pouco conhecedoras da educação a fundo (Muschert; Schildkraut, 2013).

Essa questão se repete na realidade brasileira. Em recente trabalho de análise da cobertura jornalística pela *Folha de S. Paulo* sobre

o Fundeb (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica), principal ferramenta de financiamento da educação no país, Souza (2023) destacou as escolhas questionáveis em relação às fontes ouvidas. Atores fundamentais para a discussão sobre educação no país, como professores e diretores escolares, não foram entrevistados.

Em breve pesquisa, esse cenário se confirma. No dia 4 de junho de 2024, a pesquisadora leu as cinco últimas notícias das editoriais de educação nos portais G1 e UOL, os maiores portais de notícias com áreas dedicadas ao tema. Das 10 reportagens mapeadas, que variavam entre temas como a proposta de privatização de escolas no Paraná e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), somente duas reportagens ouviram especialistas em educação. O próprio conceito de especialista em educação segue em debate, mas de acordo com breve análise não foram ouvidos professores, pesquisadores na área, acadêmicos e nem representantes de identidades educacionais, todos atores fundamentais para a discussão. Chama a atenção, principalmente, reportagem do UOL sobre privatização das escolas no Paraná que ouviu dois deputados em longas entrevistas, mas não entrevistou nenhum especialista em educação, trazendo um caráter político à discussão do assunto ao invés de trazer as implicações da decisão à escola e aos estudantes.

Observado esse cenário, é evidente que as dificuldades da aproximação entre cientistas e jornalistas, um dos principais desafios do jornalismo científico, também se aplicam ao caso da educação. Muschert e Schildkraut (2013) destacam a posição de cientistas viverem em ‘torres de marfim’ em relação à mídia e à sociedade, com pouco interesse e acesso aos jornalistas. Jim Hartz e Rick Chapell (1997) por sua vez, também ressaltam que muitas vezes os pesquisadores vivem ‘isolados em seus laboratórios’. Dada essa realidade, é urgente estreitar os laços entre a academia e jornalistas, levando mais seriedade às pautas sobre educação na imprensa. Essa reflexão não é de hoje, mas vem ganhando espaços importantes para a sua discussão. Nessa missão, organi-

zações da sociedade civil comprometidas com o jornalismo de qualidade, baseado em evidências e com fontes sólidas, têm tido um papel fundamental.

Associações como a Jeduca – Associação de Jornalistas de Educação, criada em 2016, promove formações para jornalistas de diversas áreas sobre o tema da educação, o que contribui para a maior qualidade do exercício desses profissionais (JEDUCA, 2024). Ao promover *workshops*, eventos e oferecer gratuitamente orientações sobre a cobertura do tema, a organização tem colaborado para melhorar a qualidade das notícias e impactado no aperfeiçoamento dos profissionais. Segundo análise de Ratier (2015) com mais de 90 jornalistas de educação brasileiros, mais da metade havia participado de alguma atividade de formação em serviço nos últimos doze meses antes da pesquisa, o que nos traz uma dose de otimismo.

Em relação à aproximação de cientistas com a sociedade e o jornalismo, organizações comprometidas com a divulgação científica, organizações têm se dedicado a aproximar esses dois universos. Esse é o caso da Agência Bori, que oferece serviços que conectam jornalistas e cientistas por meio da disponibilização de pesquisas inéditas e de contatos de pesquisadores à imprensa de forma facilitada (Agência Bori, 2024).

Ainda há um longo caminho a percorrer para que o jornalismo de educação seja feito de forma responsável, com base em evidências e fontes especializadas, como deve ser. Mas, pouco a pouco, estamos dando passos sólidos na direção da maior interação entre a ciência e o jornalismo para o fortalecimento da discussão sobre educação.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BORI. **O que fazemos**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://abori.com.br/o-que-fazemos/>. Acesso em: 14 out. 2024.

HARTZ, Jim; CHAPPELL, Rick. **Worlds apart**: how the distance between science and journalism threatens America's future. Nashville: First Amendment Center, 1997. 192 p

JEDUCA. A associação. [S. l.], 7 jul. 2024. Disponível em: <https://jeduca.org.br/a-associacao>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MUSCHERT, Glenn W.; SCHILDKRAUT, Jaclyn. Violent media, guns, and mental illness: the three ring circus of causal factors for school massacres, as related in media discourse. **Fast Capitalism**, [s. l.], v. 10, ed. 1, p. 159-173, 2013.

PONS, Xavier. Les femmes journalistes en éducation : heurs et malheurs d'une spécialisation professionnelle. In: BUISSON-FENET, Hélène (dir.). **Ecole des filles, école des femmes**. Bruxelles : De Boeck, à paraître. 2014.

RATIER, Rodrigo Pellegrini. Jornalismo e jornalistas de educação no Brasil: um olhar multifocal sobre história, estrutura, agentes e sentidos. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA, Lucas Lima. Jornalismo em educação: análise da cobertura do Fundeb pelo jornal Folha de S. Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Bacharel em Comunicação – Universidade Federal de Sergipe, [S. l.], 2023.

